

## **TRILHAS DE UMA PESQUISA NA AMAZÔNIA: CAMINHOS E DESCAMINHOS DO TRABALHO DE CAMPO**

ELCICLEI FARIA DOS SANTOS (FIOCRUZ).

### **Resumo**

Este texto é uma narrativa do trabalho de campo de uma pesquisa de Mestrado realizada com professoras e professores Sateré–Mawé da área do Rio Marau, município de Maués, Amazonas, que teve como temática central a formação de professoras e professores indígenas. A pesquisa foi desenvolvida no período de 2003 a 2005, pelo Programa de Pós–Graduação em Educação–PPGE da Universidade Federal do Amazonas–UFAM. O texto é uma síntese de um capítulo da Dissertação que foi construído a partir de observações registradas no caderno de campo da pesquisadora e das experiências vividas durante seis viagens realizadas ao campo da pesquisa para coletar dados. Este texto tem a intenção, por um lado, de mostrar que durante o trabalho de campo – etapa fundamental da pesquisa que muitas vezes não é visualizada – há ocorrências que podem comprometer e até alterar os resultados de uma investigação. Por outro lado, pretende revelar a complexidade e os desafios relacionados à produção de conhecimentos na região amazônica, sobretudo quando se trata de pesquisa realizada com povos indígenas. Ao mesmo tempo, quer contribuir com o debate sobre o investimento de recursos por parte de entidades de fomento à pesquisa que muitas vezes não priorizam investimentos por desconhecem a realidade e a complexidade da região amazônica, o que reflete diretamente na formação de quadros de pesquisadoras e pesquisadores que se dedicam à temática indígena na Amazônia.

### **Palavras-chave:**

Pesquisa na Amazônia, Povo Sateré–Mawé, Trabalho de campo.

### **Introdução**

Este trabalho relata a trajetória de uma pesquisa realizada com professores e professoras Sateré–Mawé[1] da área do rio Marau, município de Maués/AM, tendo como temática central a formação docente.

Neste texto, destaco a experiência vivida em cada uma das seis viagens realizadas ao campo para coletar dados, considerando que a descrição pormenorizada desta fase fundamental da pesquisa – o trabalho de campo – possibilita visualizar a riqueza, a complexidade e os desafios de uma pesquisa no contexto da região amazônica.

Apresento as trilhas percorridas e os diferentes momentos de investigação durante o trabalho de campo, foram fundamentais no meu processo de formação como pesquisadora na região Amazônica, sobretudo no aprendizado que tem sido trabalhar com os povos indígenas.

## **1 Caminhando pelas trilhas da incerteza**

As trilhas percorridas durante todo o processo de seleção no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, foram de incertezas. A única certeza era: uma nova etapa da minha vida estava começando.

Motivada pela alegria que senti com o resultado final do processo, fiz a primeira viagem ao campo da pesquisa por ocasião do “XVIII Encontro Pedagógico das Lideranças e Professores Sateré-Mawé”, realizado no período de 20 a 28 de fevereiro de 2003, na comunidade Kuruatuba, rio Manjuru, município de Maués.

Os Encontros Pedagógicos são realizados anualmente pelos professores, professoras e o povo Sateré-Mawé do Marau, sendo um espaço específico de formação, fortalecimento da língua materna e da cultura. Nesse espaço eles discutem questões relacionadas à educação, saúde, terra, projetos de sustentabilidade e outros. Meu objetivo nessa primeira viagem foi comunicar sobre a minha seleção no Mestrado e, da pretensão de realizar estudo com o grupo, se demonstrassem interesse.

Viajei no dia 20 de fevereiro de Manaus a Maués, por via aérea, em um percurso com duração de aproximadamente 50 minutos. Ao chegar a Maués fiz contato com o professor Sateré-Mawé Euzébio, que me orientou quanto ao horário de saída do barco que nos levaria ao local do Encontro.

O barco saiu do porto de Maués no dia 20, navegou pelos rios Maués-Açu e Marau até chegar à comunidade Ilha Michiles, onde pernoitamos. No outro dia pela manhã, prosseguimos viagem pelo rio Marau e Rio Urupadi, chegando à comunidade Santa Maria. A partir desse ponto, seguimos viagem pelo rio Manjuru, em voadeira[2] e rabeta[3], já que esse rio é estreito e não permite navegação de embarcações de médio e grande porte. A sua beleza natural é inegável, porém, as curvas, a forte correnteza, os troncos e galhos de árvores no seu interior tornam o trajeto perigoso, o que requer experiência por parte do práctico[4].

Uma situação difícil nos envolveu durante o percurso quando se verificou a existência de uma árvore caída, atravessada de uma margem à outra do rio, impedindo a passagem. Tal obstáculo foi resolvido arrastando a voadeira por cima do tronco da árvore.

A viagem durou algumas horas até chegarmos ao porto da comunidade Kuruatuba. O porto é o local “às margens dos rios e igarapés, onde a família toma banho, lava a roupa, deixa a mandioca de molho, lava o guaraná e ancora suas canoas” Segundo (Lorenz, 1992: 33). Nas comunidades ribeirinhas do Amazonas o porto tem a mesma utilidade.

As comunidades Sateré-Mawé que visitei, geralmente, localizam-se em terras altas o que exige esforço extremo para chegar ao local onde estão as casas, a escola, a igreja, o salão e o centro comunitário. É nesse espaço de moradia e convivência que a comunidade se reúne, conversa, realiza assembléias, festas, celebrações e outros eventos.

Ao chegar a comunidade, o Tuxaua[5] local recebeu os visitantes e encaminhou para as casas onde ficaram hospedados. De acordo com Lorenz (1992), uma das competências do Tuxaua é justamente hospedar os visitantes. À noite houve a abertura do Encontro pela equipe de organização e apresentação dos participantes, por comunidade.

No segundo dia do Encontro, combinei com os professores responsáveis pela organização do evento - Bernardo Alves, Euzébio Torquato, Inácio Cristino e Sidney Michiles – um espaço para apresentar meu projeto de pesquisa. A fase da *entrada no campo* implica tomar alguns cuidados para que a pesquisa possa transcorrer sem muitos obstáculos. Um ponto que necessita atenção é a apresentação da *proposta de estudo* ao grupo envolvido, ou seja, “trata-se de se estabelecer uma situação de troca. Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo” (Cruz Neto, 2002:55).

No fim da tarde, após as atividades, apresentei o projeto expondo os objetivos e a metodologia a ser utilizada na pesquisa. Falei também do meu interesse em realizar a pesquisa com o grupo de professores e professoras Sateré-Mawé. Eles ouviram atentamente e dialogaram na língua materna durante algum tempo. Em seguida, o professor Sidney dirigiu-se a mim, e informou que estavam dispostos a participar da pesquisa, mas com uma condição: que eu me compromettesse a dar retorno do resultado da pesquisa e colaborasse no processo de construção da educação escolar Sateré-Mawé.

No último dia do Encontro fui convidada pelos organizadores para apresentar o projeto na plenária. Em seguida, recebi das mãos do professor Bernardo Alves –

coordenador da Organização dos Professores Sateré-Mawé do Marau e Urupadi (*WOMUPE*) - um documento que, por um lado, consentia a realização da pesquisa, e, por outro, firmava o meu compromisso com aquele povo. Na ocasião, combinei com o grupo que as primeiras ações da pesquisa aconteceriam durante o XIX Encontro Pedagógico, que deveria acontecer em agosto de 2003.

Na manhã seguinte os participantes do Encontro retornaram para suas comunidades de origem. A viagem de volta - de voadeira – não foi tão tranquila e, devido à forte correnteza fomos parar em meio aos galhos de árvores. Chegamos na comunidade Santa Maria, de onde seguimos de barco para maués. A viagem seguia tranquila pelo rio Urupadi, quando o motor parou. Ficamos por algum tempo à deriva até chegarmos à comunidade mais próxima de onde o barco rebocado por outro que passava pelo local.

Caminhando pelas trilhas da incerteza, tive apenas uma certeza: a de realizar a pesquisa com o grupo de professores e professoras Sateré-Mawé. Os obstáculos que surgiram nesta viagem são desafios que fazem parte do cotidiano dos povos amazônidas.

## **2 Definindo trilhas em meio às águas turbulentas**

A segunda viagem ao campo da pesquisa teve como objetivo apresentar os critérios de seleção dos participantes e esclarecer sobre a reformulação e o encaminhamento do Projeto ao Comitê de Ética na Pesquisa-CEP.

Conforme havia combinado com o grupo, essa fase da pesquisa deveria ter ocorrido durante o XIX Encontro Pedagógico. Porém o evento foi transferido, devido a realização de uma das etapas do Curso de Formação de Professores e Professoras Sateré-Mawé - Pira-Yawara[6] -, coordenado pela Gerência de Educação Escolar Indígena-GEEI da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas-SEDUC/AM.

Para chegar a Maués, viajei de Manaus-Itacoatiara de ônibus e de lá segui no Expresso[7]. Devido ao feriado da Semana da Pátria e o Festival de Verão[8], a lancha estava com a capacidade máxima de passageiros. Logo após o embarque, caiu uma forte tempestade – ventania, relâmpago e trovão – que atrasou a viagem. Chegando em Maués, o professor Sateré-Mawé Sidney já me aguardava no porto. Combinamos o horário da viagem e o nome do barco que nos levaria à Comunidade Vila Nova II, rio Marau.

Por volta das 3h da manhã, nos dirigimos para o barco que estava carregado de mercadorias. O espaço era dividido por nós, pelos alimentos, depósitos com gasolina e óleo diesel, botijas de gás... De tão lotado, foi difícil até conseguir espaço para amarrar minha rede. O dia já estava amanhecendo e o barco não funcionava. Eu comecei a me questionar: o que me movia a realizar a pesquisa em área indígena? Não seria mais fácil pesquisar na cidade de Manaus? E o professor Sidney, por que se ausentava do curso para tratar da logística do curso?

A viagem durou cerca de 9h até chegarmos à comunidade Vila Nova II. As turmas estavam em aula e eu fui cumprimentá-los.

Na segunda-feira pela manhã, a professora responsável pela turma cedeu espaço para que eu conversasse com o grupo. Esclareci que, devido ao prazo do mestrado e a disponibilidade de viagens para o trabalho de campo[9], não seria possível ouvir o relato de todo o grupo e defini alguns critérios para seleção dos participantes.

Cumprido o objetivo da viagem, retornamos para Maués de voadeira. Durante o percurso, caiu uma forte chuva forçando-nos a parar e aguardar o temporal passar. No outro dia viajei de barco para Itacoatiara e, de lá segui de ônibus para Manaus. Essa viagem ao campo, possibilitou um breve contato com o grupo e uma prévia seleção dos participantes da pesquisa.

### **3 Nas trilhas das histórias contadas**

A terceira viagem ao campo da pesquisa foi por ocasião do XIX Encontro Pedagógico realizado no período de 26 a 31 de outubro de 2003, na comunidade Santa Maria, rio Urupadi. O meu objetivo nessa viagem era coletar os relatos individuais dos professores e professoras selecionados para participar da pesquisa.

No dia 25 de outubro de 2003, viajei de Manaus para Maués, por via aérea. À tarde deste mesmo dia, segui de barco junto com professores e professoras Sateré-Mawé. Chegamos à comunidade Ilha Michiles, rio Marau, onde pernoitamos.

No outro dia pela manhã, viajamos pelo rio Urupadi em dois barcos. Era período de seca e seguíamos lentamente. O professor Sidney, bom conhecedor daquele trecho, seguia na frente, no comando de um dos barcos. Na metade do trajeto, o barco maior encalhou. Muitos homens entraram na água para empurrá-

lo, mas as tentativas foram todas frustradas. Seguimos em outro barco até a comunidade Santa Maria e chegamos por volta das 17h onde fomos recebidos pelo Tuxaua local.

À noite, antes da abertura do Encontro, conversei com os participantes selecionados para participar da pesquisa. Combinamos que os relatos seriam gravados durante os intervalos, no fim da tarde e a noite.

Durante essa viagem ao campo só foi possível gravar as histórias de cinco participantes. Uma professora selecionada estava com seu bebê doente e não pode participar da pesquisa. Também não consegui gravar a história do professor Sidney, devido estar envolvido em várias atividades durante o Encontro.

Na última noite, após o encerramento, descemos com as bagagens e fomos dormir no barco. Pela manhã, surgiu mais um imprevisto: não havia combustível suficiente para a viagem. O professor Sidney emprestou tal produto e, depois de horas de espera, seguimos viagem até a cidade de Maués de onde retornei para Manaus. Nas trilhas das histórias contadas pelos professores e professoras Sateré-Mawé os obstáculos da viagem foram superados.

#### **4 Seguindo trilhas pelas comunidades: encontros e desencontros**

Essa viagem ao campo teve como objetivo complementar as histórias de formação dos participantes e realizar atividade pedagógica com professores e professoras Sateré-Mawé. A viagem foi definida quando o professor Euzébio esteve em Manaus para participar de uma Reunião do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena (CEEI/AM). Na ocasião, combinamos que – cumprindo o compromisso assumido anteriormente - eu iria, juntamente com as atividades específicas da pesquisa, trabalhar o tema currículo.

Saí de Manaus no dia 30 de maio de 2004, via aérea. Em Maués, trabalhei com professores, professoras e lideranças Sateré-Mawé, o tema currículo. Fiquei em Maués durante dois dias e viajamos para a comunidade Santa Isabel, rio Marau, onde moravam dois professores participantes da pesquisa, Euzébio e Deoclides. Antes, porém, combinei com os professores Bernardo e Sidney de ir às suas comunidades para gravar suas histórias.

Durante a viagem para o rio Marau enfrentamos um forte temporal. O barco parou na comunidade Menino Deus para deixar passageiros e lá permaneceu por algum tempo, até a chuva passar. Depois de várias paradas para deixar os passageiros, chegamos à comunidade Santa Isabel por volta de 22h. Os professores Euzébio, Deoclides e eu, tivemos que seguir numa canoa para chegarmos ao porto da comunidade, onde o Tuxaua local nos recebeu.

Eu fiquei hospedada na casa do professor Euzébio. A noite estava fria e, em algumas casas, as famílias aqueciam-se ao redor do fogo. Geralmente, o fogo fica no chão das cozinhas e os Sateré-Mawé utilizam para “preparar a comida, esquentar e reunir” (LORENZ, 1992:33).

Pela manhã fui com o professor Euzébio à casa do Tuxaua. Ele estava tecendo um paneiro[10] e pediu que sua esposa trouxesse o *çapó*[11]. Essa atividade de preparar o *çapó*, geralmente, cabe à mulher do anfitrião. No processo, o bastão de guaraná é atritado contra uma pedra dentro de uma cuia com água, em seguida, passa por outra fase, conforme detalhou Henman (1982) apud Lorenz (1992),

Depois de preparado, o *çapó* é de novo diluído com água guardada ao lado da “dona” do guaraná em uma cabaça da espécie *Lagenaria siceraria*. A cuia, já a essas alturas cheia até um pouco mais da metade de *çapó*, é entregue pela mulher ao seu marido, que toma apenas pequeno gole antes de passá-la aos outros presentes, normalmente prestigiando os mais velhos ou alguns visitantes importantes, se os houver (p. 41-42).

Durante minha experiência docente e o trabalho de campo, pude observar que o *çapó* é consumido cotidianamente pelos Sateré-Mawé. Na sala de aula, geralmente, algum “parente” levava uma panela com a bebida para os professores e professoras. Uggé (s.d.) afirma que o valor e a eficácia do produto

[...] Está no momento de tomá-lo juntos e reviver, reforçar a memória tribal. O ritual é de duas ou mais pessoas que, ao se encontrarem, preparam-no, tendo algumas normas a serem respeitadas. Hoje em dia, os índios Sateré-Mawé tomam Sak’po em diversas circunstâncias que nem sempre

tem a mesma importância ritual. De modo geral, tomá-lo é típico dos Sateré-Maué que ainda mantém uma conotação fortemente sagrada e comunitária que marca o vínculo de amizade, hospitalidade e solidariedade ainda presentes (p.28).

Devido ao tempo, priorizei questões que não haviam sido contempladas nos relatos anteriores e, depois de consultar os professores Euzébio e Deoclides, optei pela gravação do relato com dois depoentes. Alberti (2004) argumenta que:

Optar pela realização de entrevista com mais de um depoente depende, pois, da avaliação dos pesquisadores envolvidos no projeto sobre a adequação desse procedimento aos objetivos da investigação. Se, por exemplo, a oportunidade de entrevistar dois atores relevantes para a pesquisa só puder se concretizar com a condição de ambos serem entrevistados ao mesmo tempo – o que pode ocorrer se os pesquisadores tiverem de se deslocar para outra cidade para gravar o depoimento e se os próprios entrevistados dispuserem de um tempo restrito para prestar seus depoimentos, por exemplo –, é possível que, após avaliação criteriosa de tais limites, os pesquisadores julguem conveniente realizar a entrevista mesmo contando com circunstâncias pouco favoráveis (p. 111-112).

Durante o período em que fiquei nas comunidades Sateré-Mawé, compreendi algumas dinâmicas do cotidiano do povo. Enquanto os adultos realizavam algum trabalho ou simplesmente reuniam para conversar e tomar *çapó*, as crianças brincavam e aprendiam junto com eles. Na observação do trabalho dos adultos, as crianças indígenas são educadas na cultura de seu povo. De acordo com Melià (1979):

A educação é um processo global. A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. O fato dessa educação não ser feita por profissionais da educação, não quer dizer que ela se faz por uma coletividade abstrata. Os educadores do índio têm rosto e voz; têm dias e momentos; têm materiais e instrumentos; têm toda uma série de recursos bem definidos para educar a quem vai ser um indivíduo de uma comunidade com sua personalidade própria e não elemento de uma multidão (p.10).

Depois de gravar a história dos professores Deoclides e Euzébio, fomos juntos até a comunidade Nova Aldeia, rio Marau, onde morava a professora Francisca Nila. Na ocasião não foi possível alcançar meu objetivo, pois ela estava realizando um mutirão de limpeza na comunidade com sua turma.

O tempo estava passando e eu precisava seguir nas trilhas das comunidades em busca de novas histórias. O professor Deoclides me deixou na comunidade Vila Nova II. Fui à casa do Tuxaua local que me ofereceu *çapó* e ficamos conversando enquanto eu aguardava o amigo Jean[12]. Após o almoço, fui para a comunidade Terra Nova, rio Marau, onde morava o professor Bernardo.

O professor Bernardo e seus parentes estavam participando de uma Oficina de Direitos Indígenas organizada por uma equipe do CIMI[13]. Eu retomei as atividades da pesquisa a partir do relato do professor Bernardo sobre os Encontros Pedagógicos[14]. Inicialmente ele utilizou-se do recurso da memória para historiar os Encontros. A partir do IV Encontro, esqueceu-se de datas importantes e recorreu aos livros de atas e folhas de frequência dos Encontros. Sobre *memória e esquecimento* Meihy (2002) diz que:

A memória, contudo, é fundamental também para confirmar o presente, pois sem ela não podemos garantir as regras da vida social que se baseiam em repetições de atitudes definidas no passado. Ademais, como viver sem esquecer? Há, portanto, uma relação direta entre a memória e o esquecimento, e é importante observar um para entender o outro. O que ficou “esquecido”, por que, como e quando – aspectos importantes do que é lembrado e ficou retido na memória (p.66).

Consegui cumprir uma parte do que havia programado para aquela viagem e eu já estava há cerca de dez dias longe de casa, sem nenhum contato com minha família. Era hora de voltar... mas como, se o barco só retornaria no domingo e ainda era quinta-feira? O professor Bernardo disse que eu tinha duas opções: esperar até domingo ou ir para a comunidade Nova Esperança, rio Marau, de onde seria mais fácil conseguir outro transporte. Optei em ir para a comunidade Nova Esperança e de lá fui de carona em outro barco.

Cheguei a Maués no fim da tarde e não havia barco para Manaus. Todos os barcos iam para o município de Borba/AM, por ocasião dos festejos de Santo Antônio. Não havia transporte aéreo, devido à ocorrência de um acidente com uma das aeronaves que serviam o trecho Manaus/Maués. A minha opção era seguir até Itacoatiara e de lá retornar para Manaus.

Em Manaus, depois de cinco dias, comecei a sentir febre e muitas dores no abdômen. Fiz uma série de exames que confirmaram hepatite tipo A. Devido recomendação médica e à fragilidade da minha saúde, só pude retornar ao campo da pesquisa depois de cinco meses. Seguindo trilhas pelas comunidades, desencontrei-me da própria pesquisa.

## **5 Entre malotes, chuva e trovoada**

A quinta viagem ao campo foi em novembro de 2004, na cidade de Maués. O meu objetivo era a correção do artigo (em co-autoria com o professor Bernardo) que seria apresentado no VI Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Educação, além de complementar dados da pesquisa.

Viajei de Manaus em um Táxi Aéreo que transporta malotes para os municípios de Itacoatiara, Maués e Parintins. Saí de Manaus por volta das 6h do dia 26 de novembro. Próximo ao município de Itacoatiara caiu uma forte chuva. Só seguimos viagem após a chuva cessar.

Chegando a Maués, o professor Bernardo já me aguardava e entreguei-lhe o material para as devidas considerações. No outro dia, recolhi o seu terceiro relato e, por não ter testado a gravação, perdi uma parte da sua história. Entre malotes, chuva e trovoada, os objetivos não foram totalmente alcançados.

## **6 Chegando a um porto**

A sexta viagem ao campo foi realizada em fevereiro de 2005 e teve como objetivo recolher dados complementares das histórias de formação das professoras Francisca Nila, Isia Maria e do professor Danilson. Na ocasião, articulei a vinda de quatro participantes para assistir a defesa da Dissertação.

Viajei de ônibus de Manaus para Itacoatiara numa sexta-feira de muita chuva e de lá segui de Expresso para Maués. O professor Sidney me aguardava no porto e fomos para a localidade Paraíso, onde estava acontecendo o curso de Licenciatura em Ciências Naturais, pela UFAM, para uma turma de professores e professoras Sateré-Mawé.

Fiquei no alojamento das professoras e pela manhã, reencontrei o grupo. Fui para Maués onde gravei novo relato do professor Bernardo. No outro dia, complementei a história do professor Danilson, com o apoio das professoras Cenila e Francisca Nila.

Após o almoço, complementei as histórias das professoras Francisca Nila e Isia Maria. Nessa viagem foi possível gravar o relato do professor Sidney.

## Conclusão

A narrativa detalhada das seis viagens ao campo da pesquisa revelou o que muitas vezes fica oculto no processo de investigação: a riqueza das experiências vividas e os obstáculos vencidos. A descrição pormenorizada fez-me perceber minúcias subjacentes às trilhas percorridas e os desafios que pesquisadoras e pesquisadores enfrentam ao fazer opção pela pesquisa com povos indígenas, sobretudo na região amazônica. Ao mesmo tempo, contribuí com o debate sobre a necessidade de investimentos diferenciados por parte de entidades de fomento à pesquisa tendo em vista a enorme complexidade da Amazônia. Por fim, guardo a certeza de que todas as trilhas percorridas contribuíram para me constituir pesquisadora e gente que tem raízes numa região de rios, igarapés, florestas, fauna e flora exuberantes.

A terra, as águas e os ares são estradas!

As gentes, as árvores, os pássaros, as flores... são personagens!

O céu, o sol, a chuva, os cheiros... completam a paisagem da área Sateré-

Mawé que ficou registrada em minha memória!

#### Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.ed. ver. e atual. Rio de Janeiro, FGV, 2004. 235p.

ALMEIDA, Carlos Alberto. *Jornal Festival de Verão Maués*, 2003, Ano 01, ed. 01.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002. p.51-66.

LORENZ, Sônia. *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de Trabalho indigenista, 1992. (Projetos). 159p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4.ed. (revista e ampliada). São Paulo, Loyola: 2002.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo, Loyola, 1979. 95p.

UGGÉ, Henrique. *As bonitas histórias Sateré-Maué*. Manaus, [S.D].190p.

---

[1] Povo indígena habitante da área do rio Marau, município de Maués-AM.

[2] Voadeira, motor de popa ou lancha pequena, também chamada de deslizador, muito utilizada na região amazônica.

[3] Rabeta, motor de popa. Transporte regional popular muito utilizado pelos ribeirinhos e pelos povos indígenas na região amazônica.

[4] Comandante do barco.

[5] *T'uisa* em sateré. Liderança tradicional indígena.

[6] Programa de Formação de Professores Indígenas do Estado do Amazonas.

[7] Embarcação tipo lancha rápida que realiza viagens para alguns municípios do Amazonas.

[8] O Festival de Verão é realizado anualmente no fim do mês de novembro, patrocinado pela Empresa Estadual de Turismo - Amazonas Tur, Governo do Estado do Amazonas, com o apoio da Prefeitura Municipal de Maués. "Realizado pela primeira vez em 1993, retoma no ano de 2001 como a afirmação de um evento importante no calendário do Estado do Amazonas" (Jornal Festival de Verão Maués, Ano 01, Edição 01, 2003).

[9] Expliquei ao grupo que eu estava concorrendo a uma bolsa de estudo pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, da qual fui selecionada posteriormente.

[10] O paneiro é feito de talas vegetais e cipó e serve para transportar mandioca, frutas e outros produtos.

[11] Bebida feita de guaraná ralado com água.

[12] Jean é técnico em enfermagem. Trabalha na comunidade Vila Nova II e outras comunidades próximas.

[13] Faziam parte da equipe: Irmã Arizete, Irmã Laura Cantoni e Vanildo Silva Filho (seminarista jesuíta).

[14] Este tema deu origem a um artigo, apresentado no VI Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Educação do PPGE/UFAM que se transformou em um dos capítulos da minha Dissertação.

# **Trilhas de uma pesquisa na Amazônia: caminhos e descaminhos do trabalho de campo<sup>1</sup>**

## Introdução

Este trabalho relata a trajetória de uma pesquisa realizada com professores e professoras Sateré-Mawé<sup>2</sup> da área do rio Marau, município de Maués/AM, tendo como temática central a formação docente.

Neste texto, destaco a experiência vivida em cada uma das seis viagens realizadas ao campo para coletar dados, considerando que a descrição pormenorizada desta fase fundamental da pesquisa – o trabalho de campo – possibilita visualizar a riqueza, a complexidade e os desafios de uma pesquisa no contexto da região amazônica.

Apresento as trilhas percorridas e os diferentes momentos de investigação durante o trabalho de campo, foram fundamentais no meu processo de formação como pesquisadora na região Amazônica, sobretudo no aprendizado que tem sido trabalhar com os povos indígenas.

## **1 Caminhando pelas trilhas da incerteza**

As trilhas percorridas durante todo o processo de seleção no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, foram de incertezas. A única certeza era: uma nova etapa da minha vida estava começando.

Motivada pela alegria que senti com o resultado final do processo, fiz a primeira viagem ao campo da pesquisa por ocasião do “XVIII Encontro Pedagógico das Lideranças e Professores Sateré-Mawé”, realizado no período de 20 a 28 de fevereiro de 2003, na comunidade Kuruatuba, rio Manjuru, município de Maués.

Os Encontros Pedagógicos são realizados anualmente pelos professores, professoras e o povo Sateré-Mawé do Marau, sendo um espaço específico de formação, fortalecimento da língua materna e da cultura. Nesse espaço eles discutem questões relacionadas à educação, saúde, terra, projetos de sustentabilidade e outros. Meu objetivo nessa primeira viagem foi comunicar sobre a minha seleção no Mestrado e, da pretensão de realizar estudo com o grupo, se demonstrassem interesse.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma síntese do Capítulo 1 da minha Dissertação de Mestrado defendida em maio de 2005.

<sup>2</sup> Povo indígena habitante da área do rio Marau, município de Maués-AM.

Viajei no dia 20 de fevereiro de Manaus a Maués, por via aérea, em um percurso com duração de aproximadamente 50 minutos. Ao chegar a Maués fiz contato com o professor Sateré-Mawé Euzébio, que me orientou quanto ao horário de saída do barco que nos levaria ao local do Encontro.

O barco saiu do porto de Maués no dia 20, navegou pelos rios Maués-Açu e Marau até chegar à comunidade Ilha Michiles, onde pernoitamos. No outro dia pela manhã, prosseguimos viagem pelo rio Marau e Rio Urupadi, chegando à comunidade Santa Maria. A partir desse ponto, seguimos viagem pelo rio Manjuru, em voadeira<sup>3</sup> e rabeta<sup>4</sup>, já que esse rio é estreito e não permite navegação de embarcações de médio e grande porte. A sua beleza natural é inegável, porém, as curvas, a forte correnteza, os troncos e galhos de árvores no seu interior tornam o trajeto perigoso, o que requer experiência por parte do prático<sup>5</sup>.

Uma situação difícil nos envolveu durante o percurso quando se verificou a existência de uma árvore caída, atravessada de uma margem à outra do rio, impedindo a passagem. Tal obstáculo foi resolvido arrastando a voadeira por cima do tronco da árvore.

A viagem durou algumas horas até chegarmos ao porto da comunidade Kuruatuba. O porto é o local “às margens dos rios e igarapés, onde a família toma banho, lava a roupa, deixa a mandioca de molho, lava o guaraná e ancora suas canoas” Segundo (Lorenz, 1992: 33). Nas comunidades ribeirinhas do Amazonas o porto tem a mesma utilidade.

As comunidades Sateré-Mawé que visitei, geralmente, localizam-se em terras altas o que exige esforço extremo para chegar ao local onde estão as casas, a escola, a igreja, o salão e o centro comunitário. É nesse espaço de moradia e convivência que a comunidade se reúne, conversa, realiza assembléias, festas, celebrações e outros eventos.

Ao chegar a comunidade, o Tuxaua<sup>6</sup> local recebeu os visitantes e encaminhou para as casas onde ficaram hospedados. De acordo com Lorenz (1992), uma das competências do Tuxaua é justamente hospedar os visitantes. À noite houve a abertura

---

<sup>3</sup> Voadeira, motor de popa ou lancha pequena, também chamada de deslizador, muito utilizada na região amazônica.

<sup>4</sup> Rabeta, motor de popa. Transporte regional popular muito utilizado pelos ribeirinhos e pelos povos indígenas na região amazônica.

<sup>5</sup> Comandante do barco.

<sup>6</sup> *T'uisa* em sateré. Liderança tradicional indígena.

do Encontro pela equipe de organização e apresentação dos participantes, por comunidade.

No segundo dia do Encontro, combinei com os professores responsáveis pela organização do evento - Bernardo Alves, Euzébio Torquato, Inácio Cristino e Sidney Michiles – um espaço para apresentar meu projeto de pesquisa. A fase da *entrada no campo* implica tomar alguns cuidados para que a pesquisa possa transcorrer sem muitos obstáculos. Um ponto que necessita atenção é a apresentação da *proposta de estudo* ao grupo envolvido, ou seja, “trata-se de se estabelecer uma situação de troca. Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo” (Cruz Neto, 2002:55).

No fim da tarde, após as atividades, apresentei o projeto expondo os objetivos e a metodologia a ser utilizada na pesquisa. Falei também do meu interesse em realizar a pesquisa com o grupo de professores e professoras Sateré-Mawé. Eles ouviram atentamente e dialogaram na língua materna durante algum tempo. Em seguida, o professor Sidney dirigiu-se a mim, e informou que estavam dispostos a participar da pesquisa, mas com uma condição: que eu me comprometesse a dar retorno do resultado da pesquisa e colaborasse no processo de construção da educação escolar Sateré-Mawé.

No último dia do Encontro fui convidada pelos organizadores para apresentar o projeto na plenária. Em seguida, recebi das mãos do professor Bernardo Alves – coordenador da Organização dos Professores Sateré-Mawé do Marau e Urupadi (*WOMUPE*) - um documento que, por um lado, consentia a realização da pesquisa, e, por outro, firmava o meu compromisso com aquele povo. Na ocasião, combinei com o grupo que as primeiras ações da pesquisa aconteceriam durante o XIX Encontro Pedagógico, que deveria acontecer em agosto de 2003.

Na manhã seguinte os participantes do Encontro retornaram para suas comunidades de origem. A viagem de volta - de voadeira – não foi tão tranquila e, devido à forte correnteza fomos parar em meio aos galhos de árvores. Chegamos na comunidade Santa Maria, de onde seguimos de barco para maués. A viagem seguia tranquila pelo rio Urupadi, quando o motor parou. Ficamos por algum tempo à deriva até chegarmos à comunidade mais próxima de onde o barco rebocado por outro que passava pelo local.

Caminhando pelas trilhas da incerteza, tive apenas uma certeza: a de realizar a pesquisa com o grupo de professores e professoras Sateré-Mawé. Os obstáculos que

surgiram nesta viagem são desafios que fazem parte do cotidiano dos povos amazônidas.

## **2 Definindo trilhas em meio às águas turbulentas**

A segunda viagem ao campo da pesquisa teve como objetivo apresentar os critérios de seleção dos participantes e esclarecer sobre a reformulação e o encaminhamento do Projeto ao Comitê de Ética na Pesquisa-CEP.

Conforme havia combinado com o grupo, essa fase da pesquisa deveria ter ocorrido durante o XIX Encontro Pedagógico. Porém o evento foi transferido, devido a realização de uma das etapas do Curso de Formação de Professores e Professoras Sateré-Mawé - Pira-Yawara<sup>7</sup> -, coordenado pela Gerência de Educação Escolar Indígena-GEEI da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas-SEDUC/AM.

Para chegar a Maués, viajei de Manaus-Itacoatiara de ônibus e de lá segui no Expresso<sup>8</sup>. Devido ao feriado da Semana da Pátria e o Festival de Verão<sup>9</sup>, a lancha estava com a capacidade máxima de passageiros. Logo após o embarque, caiu uma forte tempestade – ventania, relâmpago e trovão – que atrasou a viagem. Chegando em Maués, o professor Sateré-Mawé Sidney já me aguardava no porto. Combinamos o horário da viagem e o nome do barco que nos levaria à Comunidade Vila Nova II, rio Marau.

Por volta das 3h da manhã, nos dirigimos para o barco que estava carregado de mercadorias. O espaço era dividido por nós, pelos alimentos, depósitos com gasolina e óleo diesel, botijas de gás... De tão lotado, foi difícil até conseguir espaço para amarrar minha rede. O dia já estava amanhecendo e barco queria não funcionava. Eu comecei a me questionar: o que me movia a realizar a pesquisa em área indígena? Não seria mais fácil pesquisar na cidade de Manaus? E o professor Sidney, por que se ausentava do curso para tratar da logística do curso?

A viagem durou cerca de 9h até chegarmos à comunidade Vila Nova II. As turmas estavam em aula e eu fui cumprimentá-los.

---

<sup>7</sup> Programa de Formação de Professores Indígenas do Estado do Amazonas.

<sup>8</sup> Embarcação tipo lancha rápida que realiza viagens para alguns municípios do Amazonas.

<sup>9</sup> O Festival de Verão é realizado anualmente no fim do mês de novembro, patrocinado pela Empresa Estadual de Turismo - Amazonas Tur, Governo do Estado do Amazonas, com o apoio da Prefeitura Municipal de Maués. “Realizado pela primeira vez em 1993, retoma no ano de 2001 como a afirmação de um evento importante no calendário do Estado do Amazonas” (Jornal Festival de Verão Maués, Ano 01, Edição 01, 2003).

Na segunda-feira pela manhã, a professora responsável pela turma cedeu espaço para que eu conversasse com o grupo. Esclareci que, devido o prazo do mestrado e a disponibilidade de viagens para o trabalho de campo<sup>10</sup>, não seria possível ouvir o relato de todo o grupo e definido alguns critérios para seleção dos participantes.

Cumprido o objetivo da viagem, retornamos para Maués de voadeira. Durante o percurso, caiu uma forte chuva forçando-nos a parar e aguardar o temporal passar. No outro dia viajei de barco para Itacoatiara e, de lá segui de ônibus para Manaus. Essa viagem ao campo, possibilitou um breve contato com o grupo e uma prévia seleção dos participantes da pesquisa.

### **3 Nas trilhas das histórias contadas**

A terceira viagem ao campo da pesquisa foi por ocasião do XIX Encontro Pedagógico realizado no período de 26 a 31 de outubro de 2003, na comunidade Santa Maria, rio Urupadi. O meu objetivo nessa viagem era coletar os relatos individuais dos professores e professoras selecionados para participar da pesquisa.

No dia 25 de outubro de 2003, viajei de Manaus para Maués, por via aérea. À tarde deste mesmo dia, segui de barco junto com professores e professoras Sateré-Mawé. Chegamos à comunidade Ilha Michiles, rio Marau, onde pernoitamos.

No outro dia pela manhã, viajamos pelo rio Urupadi em dois barcos. Era período de seca e seguíamos lentamente. O professor Sidney, bom conhecedor daquele trecho, seguia na frente, no comando de um dos barcos. Na metade do trajeto, o barco maior encalhou. Muitos homens entraram na água para empurrá-lo, mas as tentativas foram todas frustradas. Seguimos em outro barco até a comunidade Santa Maria e chegamos por volta das 17h onde fomos recebidos pelo Tuxaua local.

À noite, antes da abertura do Encontro, conversei com os participantes selecionados para participar da pesquisa. Combinamos que os relatos seriam gravados durante os intervalos, no fim da tarde e a noite.

Durante essa viagem ao campo só foi possível gravar as histórias de cinco participantes. Uma professora selecionada estava com seu bebê doente e não pode participar da pesquisa. Também não consegui gravar a história do professor Sidney, devido estar envolvido em várias atividades durante o Encontro.

---

<sup>10</sup> Expliquei ao grupo que eu estava concorrendo a uma bolsa de estudo pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, da qual fui selecionada posteriormente.

Na última noite, após o encerramento, descemos com as bagagens e fomos dormir no barco. Pela manhã, surgiu mais um imprevisto: não havia combustível suficiente para a viagem. O professor Sidney emprestou tal produto e, depois de horas de espera, seguimos viagem até a cidade de Maués de onde retornei para Manaus. Nas trilhas das histórias contadas pelos professores e professoras Sateré-Mawé os obstáculos da viagem foram superados.

#### **4 Seguindo trilhas pelas comunidades: encontros e desencontros**

Essa viagem ao campo teve como objetivo complementar as histórias de formação dos participantes e realizar atividade pedagógica com professores e professoras Sateré-Mawé. A viagem foi definida quando o professor Euzébio esteve em Manaus para participar de uma Reunião do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena (CEEI/AM). Na ocasião, combinamos que – cumprindo o compromisso assumido anteriormente - eu iria, juntamente com as atividades específicas da pesquisa, trabalhar o tema currículo.

Saí de Manaus no dia 30 de maio de 2004, via aérea. Em Maués, trabalhei com professores, professoras e lideranças Sateré-Mawé, o tema currículo. Fiquei em Maués durante dois dias e viajamos para a comunidade Santa Isabel, rio Marau, onde moravam dois professores participantes da pesquisa, Euzébio e Deoclides. Antes, porém, combinei com os professores Bernardo e Sidney de ir às suas comunidades para gravar suas histórias.

Durante a viagem para o rio Marau enfrentamos um forte temporal. O barco parou na comunidade Menino Deus para deixar passageiros e lá permaneceu por algum tempo, até a chuva passar. Depois de várias paradas para deixar os passageiros, chegamos à comunidade Santa Isabel por volta de 22h. Os professores Euzébio, Deoclides e eu, tivemos que seguir numa canoa para chegarmos ao porto da comunidade, onde o Tuxaua local nos recebeu.

Eu fiquei hospedada na casa do professor Euzébio. A noite estava fria e, em algumas casas, as famílias aqueciam-se ao redor do fogo. Geralmente, o fogo fica no chão das cozinhas e os Sateré-Mawé utilizam para “preparar a comida, esquentar e reunir” (LORENZ, 1992:33).

Pela manhã fui com o professor Euzébio à casa do Tuxaua. Ele estava tecendo um paneiro<sup>11</sup> e pediu que sua esposa trouxesse o *çapó*<sup>12</sup>. Essa atividade de preparar o *çapó*, geralmente, cabe à mulher do anfitrião. No processo, o bastão de guaraná é atritado contra uma pedra dentro de uma cuia com água, em seguida, passa por outra fase, conforme detalhou Henman (1982) apud Lorenz (1992),

Depois de preparado, o *çapó* é de novo diluído com água guardada ao lado da “dona” do guaraná em uma cabaça da espécie *Lagenaria siceraria*. A cuia, já a essas alturas cheia até um pouco mais da metade de *çapó*, é entregue pela mulher ao seu marido, que toma apenas pequeno gole antes de passá-la aos outros presentes, normalmente prestigiando os mais velhos ou alguns visitantes importantes, se os houver (p. 41-42).

Durante minha experiência docente e o trabalho de campo, pude observar que o *çapó* é consumido cotidianamente pelos Sateré-Mawé. Na sala de aula, geralmente, algum “parente” levava uma panela com a bebida para os professores e professoras. Uggé (s.d.) afirma que o valor e a eficácia do produto

[...] Está no momento de tomá-lo juntos e reviver, reforçar a memória tribal. O ritual é de duas ou mais pessoas que, ao se encontrarem, preparam-no, tendo algumas normas a serem respeitadas. Hoje em dia, os índios Sateré-Maué tomam Sak’po em diversas circunstâncias que nem sempre tem a mesma importância ritual. De modo geral, tomá-lo é típico dos Sateré-Maué que ainda mantém uma conotação fortemente sagrada e comunitária que marca o vínculo de amizade, hospitalidade e solidariedade ainda presentes (p.28).

Devido ao tempo, priorizei questões que não haviam sido contempladas nos relatos anteriores e, depois de consultar os professores Euzébio e Deoclides, optei pela gravação do relato com dois depoentes. Alberti (2004) argumenta que:

Optar pela realização de entrevista com mais de um depoente depende, pois, da avaliação dos pesquisadores envolvidos no projeto sobre a adequação desse procedimento aos objetivos da investigação. Se, por exemplo, a oportunidade de entrevistar dois atores relevantes para a pesquisa só puder se concretizar com a condição de ambos serem entrevistados ao mesmo tempo – o que pode ocorrer se os pesquisadores tiverem de se deslocar para outra cidade para gravar o depoimento e se os próprios entrevistados dispuserem de um tempo restrito para prestar seus depoimentos, por exemplo –, é possível que, após avaliação criteriosa de tais limites, os pesquisadores julguem conveniente realizar a entrevista mesmo contando com circunstâncias pouco favoráveis (p. 111-112).

---

<sup>11</sup> O paneiro é feito de talas vegetais e cipó e serve para transportar mandioca, frutas e outros produtos.

<sup>12</sup> Bebida feita de guaraná ralado com água.

Durante o período em que fiquei nas comunidades Sateré-Mawé, compreendi algumas dinâmicas do cotidiano do povo. Enquanto os adultos realizavam algum trabalho ou simplesmente reuniam para conversar e tomar *çapó*, as crianças brincavam e aprendiam junto com eles. Na observação do trabalho dos adultos, as crianças indígenas são educadas na cultura de seu povo. De acordo com Melià (1979):

A educação é um processo global. A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. O fato dessa educação não ser feita por profissionais da educação, não quer dizer que ela se faz por uma coletividade abstrata. Os educadores do índio têm rosto e voz; têm dias e momentos; têm materiais e instrumentos; têm toda uma série de recursos bem definidos para educar a quem vai ser um indivíduo de uma comunidade com sua personalidade própria e não elemento de uma multidão (p.10).

Depois de gravar a história dos professores Deoclides e Euzébio, fomos juntos até a comunidade Nova Aldeia, rio Marau, onde morava a professora Francisca Nila. Na ocasião não foi possível alcançar meu objetivo, pois ela estava realizando um mutirão de limpeza na comunidade com sua turma.

O tempo estava passando e eu precisava seguir nas trilhas das comunidades em busca de novas histórias. O professor Deoclides me deixou na comunidade Vila Nova II. Fui à casa do Tuxaua local que me ofereceu *çapó* e ficamos conversando enquanto eu aguardava o amigo Jean<sup>13</sup>. Após o almoço, fui para a comunidade Terra Nova, rio Marau, onde morava o professor Bernardo.

O professor Bernardo e seus parentes estavam participando de uma Oficina de Direitos Indígenas organizada por uma equipe do CIMI<sup>14</sup>. Eu retomei as atividades da pesquisa a partir do relato do professor Bernardo sobre os Encontros Pedagógicos<sup>15</sup>. Inicialmente ele utilizou-se do recurso da memória para historiar os Encontros. A partir do IV Encontro, esqueceu-se de datas importantes e recorreu aos livros de atas e folhas de frequência dos Encontros. Sobre *memória e esquecimento* Meihy (2002) diz que:

A memória, contudo, é fundamental também para confirmar o presente, pois sem ela não podemos garantir as regras da vida social que se baseiam em repetições de atitudes definidas no passado. Ademais, como viver sem esquecer? Há, portanto, uma relação direta entre a memória e o esquecimento, e é importante observar um para entender o outro. O que ficou

---

<sup>13</sup> Jean é técnico em enfermagem. Trabalha na comunidade Vila Nova II e outras comunidades próximas.

<sup>14</sup> Faziam parte da equipe: Irmã Arizete, Irmã Laura Cantoni e Vanildo Silva Filho (seminarista jesuíta).

<sup>15</sup> Este tema deu origem a um artigo, apresentado no VI Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Educação do PPGE/UFAM que se transformou em um dos capítulos da minha Dissertação.

“esquecido”, por que, como e quando – aspectos importantes do que é lembrado e ficou retido na memória (p.66).

Consegui cumprir uma parte do que havia programado para aquela viagem e eu já estava há cerca de dez dias longe de casa, sem nenhum contato com minha família. Era hora de voltar... mas como, se o barco só retornaria no domingo e ainda era quinta-feira? O professor Bernardo disse que eu tinha duas opções: esperar até domingo ou ir para a comunidade Nova Esperança, rio Marau, de onde seria mais fácil conseguir outro transporte. Optei em ir para a comunidade Nova Esperança e de lá fui de carona em outro barco.

Cheguei a Maués no fim da tarde e não havia barco para Manaus. Todos os barcos iam para o município de Borba/AM, por ocasião dos festejos de Santo Antônio. Não havia transporte aéreo, devido à ocorrência de um acidente com uma das aeronaves que serviam o trecho Manaus/Maués. A minha opção era seguir até Itacoatiara e de lá retornei para Manaus.

Em Manaus, depois de cinco dias, comecei a sentir febre e muitas dores no abdômen. Fiz uma série de exames que confirmaram hepatite tipo A. Devido recomendação médica e à fragilidade da minha saúde, só pude retornar ao campo da pesquisa depois de cinco meses. Seguindo trilhas pelas comunidades, desencontrei-me da própria pesquisa.

## **5 Entre malotes, chuva e trovoada**

A quinta viagem ao campo foi em novembro de 2004, na cidade de Maués. O meu objetivo era a correção do artigo (em co-autoria com o professor Bernardo) que seria apresentado no VI Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Educação, além de complementar dados da pesquisa.

Viajei de Manaus em um Táxi Aéreo que transporta malotes para os municípios de Itacoatiara, Maués e Parintins. Saí de Manaus por volta das 6h do dia 26 de novembro. Próximo ao município de Itacoatiara caiu uma forte chuva. Só seguimos viagem após a chuva cessar.

Chegando a Maués, o professor Bernardo já me aguardava e entreguei-lhe o material para as devidas considerações. No outro dia, recolhi o seu terceiro relato e, por não ter testado a gravação, perdi uma parte da sua história. Entre malotes, chuva e trovoada, os objetivos não foram totalmente alcançados.

## **6 Chegando a um porto**

A sexta viagem ao campo foi realizada em fevereiro de 2005 e teve como objetivo recolher dados complementares das histórias de formação das professoras Francisca Nila, Isia Maria e do professor Danilson. Na ocasião, articulei a vinda de quatro participantes para assistir a defesa da Dissertação.

Viajei de ônibus de Manaus para Itacoatiara numa sexta-feira de muita chuva e de lá segui de Expresso para Maués. O professor Sidney me aguardava no porto e fomos para a localidade Paraíso, onde estava acontecendo o curso de Licenciatura em Ciências Naturais, pela UFAM, para uma turma de professores e professoras Sateré-Mawé.

Fiquei no alojamento das professoras e pela manhã, reencontrei o grupo. Fui para Maués onde gravei novo relato do professor Bernardo. No outro dia, complementei a história do professor Danilson, com o apoio das professoras Cenila e Francisca Nila.

Após o almoço, complementei as histórias das professoras Francisca Nila e Isia Maria. Nessa viagem foi possível gravar o relato do professor Sidney.

### **Conclusão**

A narrativa detalhada das seis viagens ao campo da pesquisa revelou o que muitas vezes fica oculto no processo de investigação: a riqueza das experiências vividas e os obstáculos vencidos. A descrição pormenorizada fez-me perceber minúcias subjacentes às trilhas percorridas e os desafios que pesquisadoras e pesquisadores enfrentam ao fazer opção pela pesquisa com povos indígenas, sobretudo na região amazônica. Ao mesmo tempo, contribuí com o debate sobre a necessidade de investimentos diferenciados por parte de entidades de fomento à pesquisa tendo em vista a enorme complexidade da Amazônia. Por fim, guardo a certeza de que todas as trilhas percorridas contribuíram para me constituir pesquisadora e gente que tem raízes numa região de rios, igarapés, florestas, fauna e flora exuberantes.

A terra, as águas e os ares são estradas!  
As gentes, as árvores, os pássaros, as  
flores... são personagens!  
O céu, o sol, a chuva, os cheiros...  
completam a paisagem da área Sateré-  
Mawé que ficou registrada em minha  
memória!

## Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.ed. ver. e atual. Rio de Janeiro, FGV, 2004. 235p.
- ALMEIDA, Carlos Alberto. *Jornal Festival de Verão Maués*, 2003, Ano 01, ed. 01.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002. p.51-66.
- LORENZ, Sônia. *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de Trabalho indigenista, 1992. (Projetos). 159p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4.ed. (revista e ampliada). São Paulo, Loyola: 2002.
- MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo, Loyola, 1979. 95p.
- UGGÉ, Henrique. *As bonitas histórias Sateré-Maué*. Manaus, [S.D].190p.